

ESTRATÉGIA E COMÉRCIO INTERNACIONAL: A IMPORTÂNCIA DA CHINA AO BRASIL

STRATEGY AND INTERNATIONAL TRADE: THE IMPORTANCE OF CHINA TO BRAZIL

Alexis T. Dantas¹

Elias M. K. Jabbour²

RESUMO:

O objetivo deste artigo é analisar as relações comerciais Brasil/China nos últimos anos, destacando o desempenho e a composição das exportações e importações, além da evolução da importância relativa da China para o Brasil neste campo. Assumindo-se esta relação comercial como parte importante de uma relação estratégica dos países, as principais conclusões do artigo demonstram que houve um expressivo crescimento do comércio Brasil/China, o que elevou substancialmente a participação relativa da China no comércio exterior brasileiro, a tornando nossa principal parceira comercial e apesar disso, a dinâmica de evolução das exportações é fundamentalmente distinta da apresentada pelas importações, o que exige maior avaliação brasileira para a gestão da política comercial do país.

PALAVRAS-CHAVE:

Estratégia; Comércio Exterior; Brasil; China

ABSTRACT:

The purpose of this article is to analyze the trade relations between Brazil and China in recent years, especially focused on the performance and composition of exports and imports. Assuming that this relationship as an important part of a development strategy of the countries, the main conclusions are that the relative importance of China for Brazilian trade is growing a lot, and now China has the biggest share of Brazilian foreign trade. However, one should realize that the dynamics of exports performance is fundamentally different from the imports, which requires greater Brazilian assessment for the management of commercial policy of the country.

KEYWORDS:

Strategy; Foreign Trade; Brazil; China

1 Professor do Departamento de Evolução Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (DEE/FCE/UERJ). Coordenador do NUCLEAS/UERJ (Núcleo de Estudos das Américas). alexis.dantas@gmail.com.

2 Professor do Departamento de Evolução Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (DEE/FCE/UERJ). eliasjabbour@terra.com.br.

1. Introdução

“No genuine Asia-Pacific century or Asian century can come until China, India and other neighboring countries are developed. By the same token, there could be no Latin-American century without a developed Brazil.”³

Desde o anúncio, em maio de 2004⁴, do caráter estratégico das relações Brasil – China, uma série de axiomas tem sido lançados para descrever esta relação. Desde àquelas alertando aos riscos de nossa exposição à concorrência do país asiático até os que percebem nela uma grande “janela de oportunidades”. A grande questão é que o nível de complexidades internas dos dois países, além da própria complexidade da situação internacional após a crise de 2008 (não devidamente postas no cálculo). Ou são pouco calculadas. Neste sentido nomear as relações entre esses dois países como “estratégicas” ainda é a melhor forma de quantificar a importância dos intercâmbios em todos os níveis que ocorrem entre o Brasil e a China.

Devemos dar consequência analítica à estratégia como categoria que perpassa todos os ramos das ciências sociais e a Economia em particular. Trata-se de relações estratégicas quando se percebe a comunhão de semelhantes visões de mundo. Desde a oposição à ordem financeira internacional alcançando os termos de troca instituídos por grandes organismos internacionais, por exemplo a Organização Mundial do Comércio (OMC). São visões de mundo construídas ao longo de distintos *processos históricos* pelas quais passaram os dois países em concomitância com a própria importância geopolítica e econômica que ambos percebem de si mesmos e de ambos. A experiência nacional-desenvolvimentista brasileira certamente serviu de parâmetro à própria implementação das reformas econômicas chinesas em 1978. O processo recente chinês é quase uma ancora de inspiração de pensadores brasileiros do campo desenvolvimentista. Além disso, a ascensão chinesa é a unidade de análise fundamental a elucubrações que envolvem o futuro das relações internacionais, da América Latina e do próprio Brasil.

O estudo das relações comerciais deve trazer em seu bojo uma necessária consequência prática das opções em matéria de política comercial feitas por ambos os países na década de 1990. As evidências ortodoxas tendem a lastrear noções de “vantagens comparativas” devidamente aproveitadas pelo nosso país. Visões

3 XIAOPING, D.: “A new international order should be established with the established with the Five Principles of Peacefull Coexistence as norms”. In, XIAOPING, D.: *Selected Words*. Beijing: Foreign Language Press, 1994. p. 183.

4 Este anúncio fora feito no âmbito da visita do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva à República Popular da China.

desenvolvimentistas correm o risco de não compreender a fundo a transição em curso no mundo e a intensa participação do Brasil nela, incorrendo no chamado efeito “estrutura” quando o assunto são as vagas de desindustrialização decorrentes desta “relação”. A primeira análise peca pelo primarismo da crença em um desenvolvimento decorrente desta visão. A segunda acerta no essencial, porém comete o deslize neoclássico de colocar a economia em posição de primária diante da política. Esse é um ponto, a análise das aludidas opções.

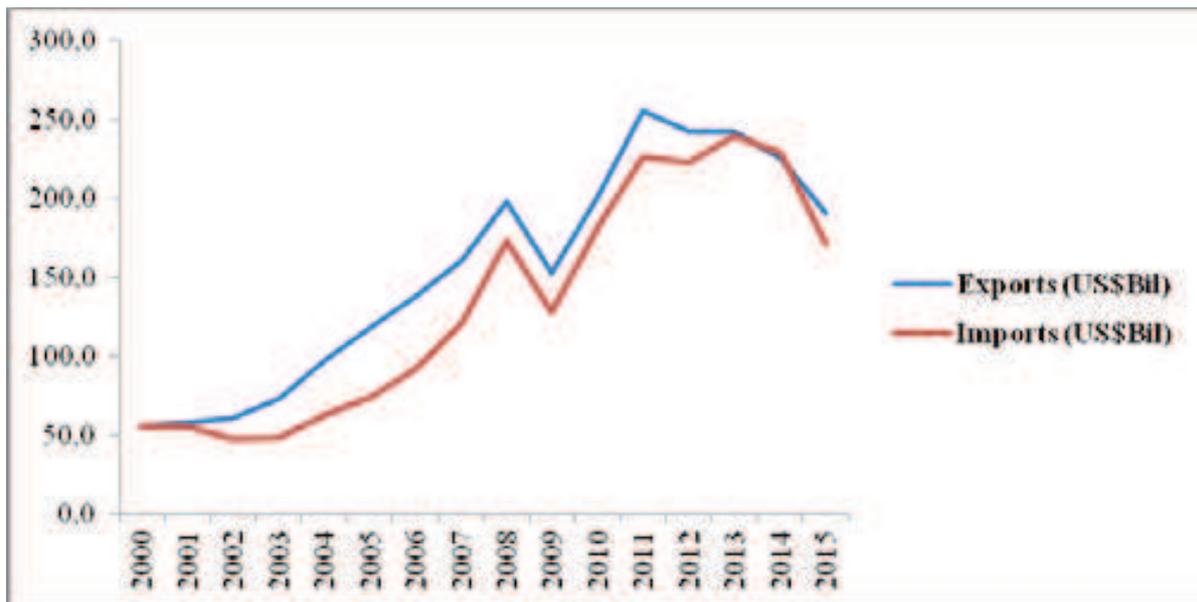
Por outro lado, a *abstração* permite chegar no elemento estratégico da relação. Ambos os países aumentaram o grau de importância recíproca. O efeito “demanda” chinesa permitiu margem de manobra ao país à implementação de políticas sociais internas de sucesso entre os anos de 2004 e 2010, além da formação de grandes reservas cambiais que – de um lado – permitiu queda acentuada nas taxas de juros internas, por outro tem servido de grande serventia diante da instabilidade econômica internacional. O aumento dos investimentos chineses no Brasil sinaliza tanto uma alternativa de financiamento externo quanto reserva de mercado ao seu excesso de capacidade produtiva instalada. Evidente que as contradições estão postas e são inevitáveis. Da mesma forma que é improvável o retorno do Brasil às condições de financiamento externo praticadas no âmbito do FMI e do Banco Mundial. Da mesma forma que a própria crise crônica de demanda nos países do Atlântico Norte deverá nos condicionar a uma relação cada vez mais íntima com o gigante asiático, independente da queda dos preços das commodities.

Como o Brasil deve se comportar diante da inexorabilidade desta relação? Esta questão não será objeto de resposta neste artigo. A proposta neste espaço é o de expor o grau de importância da China para o Brasil, tendo como base empírica os dados da relação comercial. Desta forma, na próxima seção será realizada uma análise das relações comerciais Brasil/China no que se refere aos fluxos de importação e exportação de bens e serviços, a participação relativa do comércio com a China e a qualificação deste comércio em termos dos produtos transacionados. A seguir, na seção final, serão elencadas as principais conclusões da análise realizada.

2. A evolução recente

O comércio exterior brasileiro apresentou um ritmo forte de crescimento ao longo do século XXI, particularmente a partir de 2002/3. Como mostram as figuras 1 e 2, em 2012 tanto as exportações quanto as importações eram cerca de cinco vezes maiores que no início da década, quando então começaram a perder rendimento, caindo para um nível inferior - mas ainda bem maior que em 2000. Desta forma, a corrente de comércio cresceu significativamente no período. Esse desempenho é, em boa medida, resultado da evolução dos preços internacionais das *commodities*, cujo crescimento foi expressivo até 2012/3, iniciando uma inversão de trajetória a partir de então.

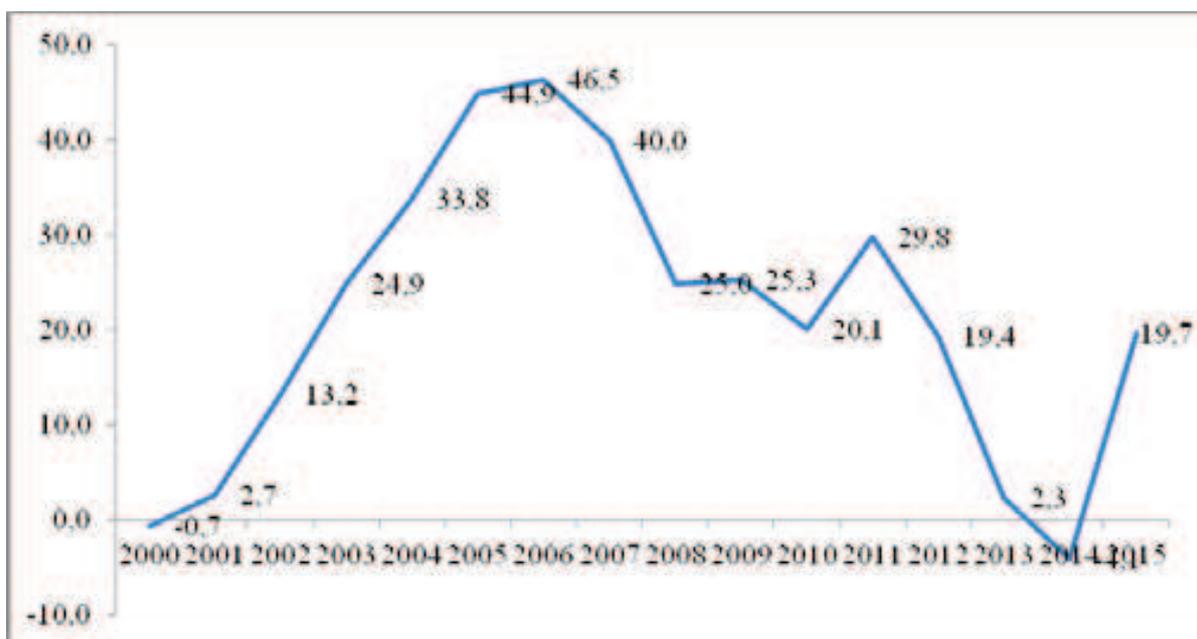
Gráfico 1 – Brasil: Exportações e Importações (2000-2015) - US\$ Bilhões



Fonte: MDIC/Brazil

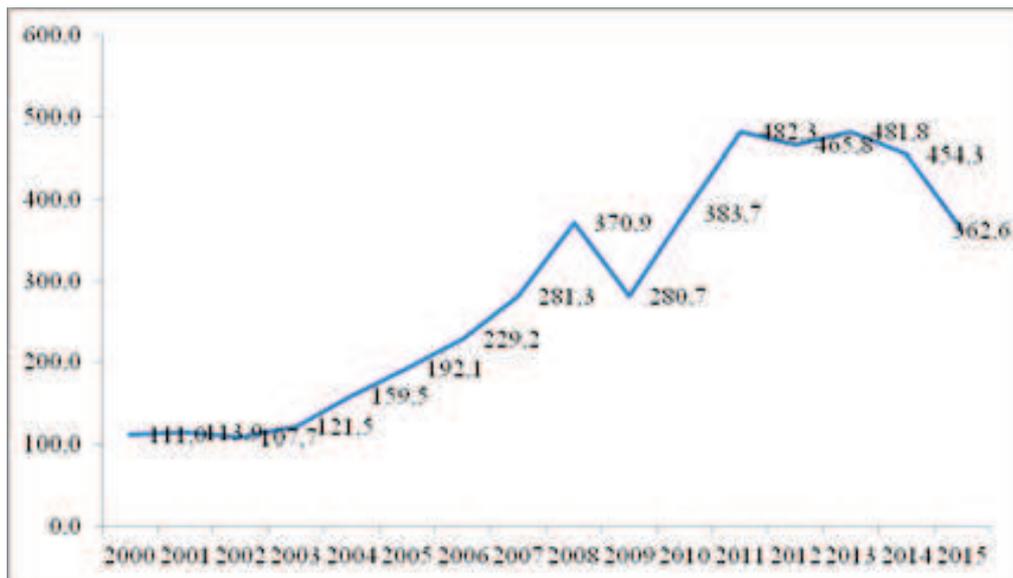
Apesar do crescimento simultâneo de exportações e importações, as vendas externas do Brasil apresentaram um ritmo mais acelerado que o das compras, resultando em um importante aumento do saldo comercial brasileiro. A figura 3 mostra bem esta situação. De um saldo negativo em 2000 de 0,7 bilhões de dólares, passa-se para um superávit comercial de 46,5 bilhões de dólares em 2007, caindo a partir de então principalmente em razão dos efeitos da crise econômica do Atlântico Norte iniciada em 2008.

Gráfico 2- Brasil: Balança comercial (2000-2015) - US\$ Bilhões



Fonte: MDIC/Brazil

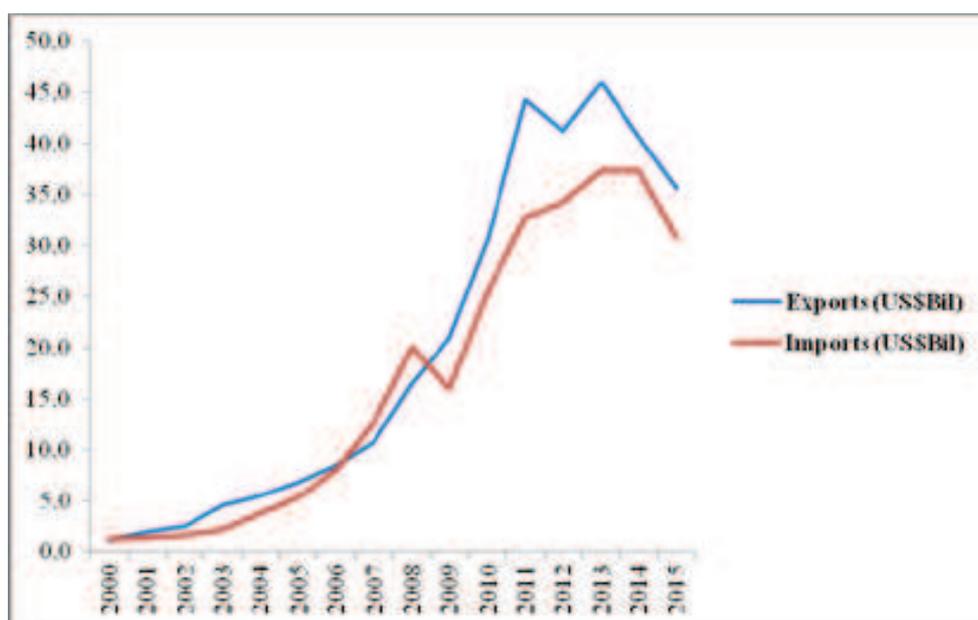
Gráfico 3 – Brasil: Total de Comércio (2000-2015) - US\$ Bilhões



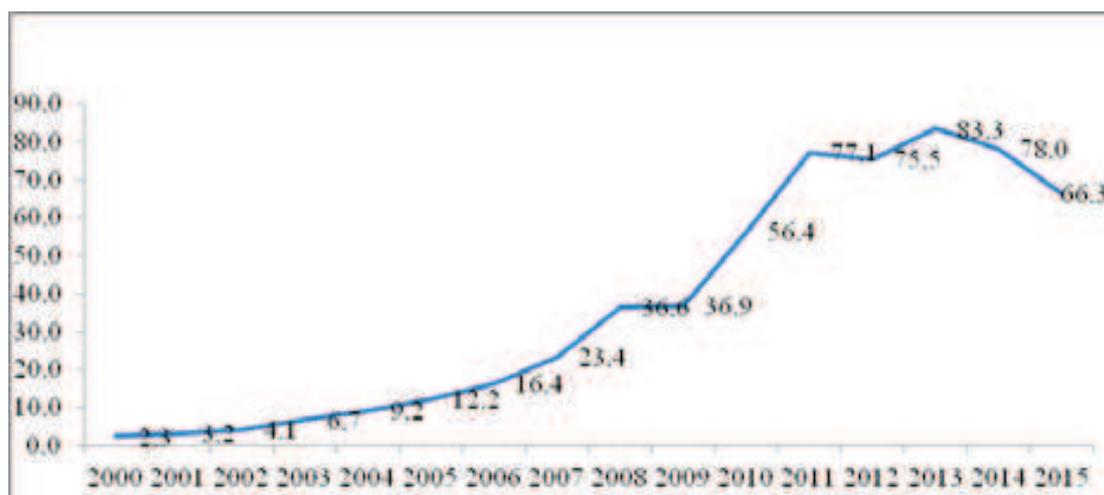
Fonte: MDIC/Brazil

A relação comercial do Brasil com a China é um elemento fundamental para entender o comportamento do comércio exterior brasileiro no século XXI. De acordo com as figuras 4 e 5, de um patamar insignificante de vendas e compras externas de ambos os países em 2000, ambas chegam na casa dos 40 bilhões de dólares ao ano no período 2011/13 (a corrente de comércio registra 83,3 bilhões de dólares em 2013), com destaque para o aumento das exportações, que atingem cerca de 45 bilhões de dólares em 2011.

Gráfico 4 - Brasil X China – Exportações e Importações (2000-2015) - US\$ Bilhões

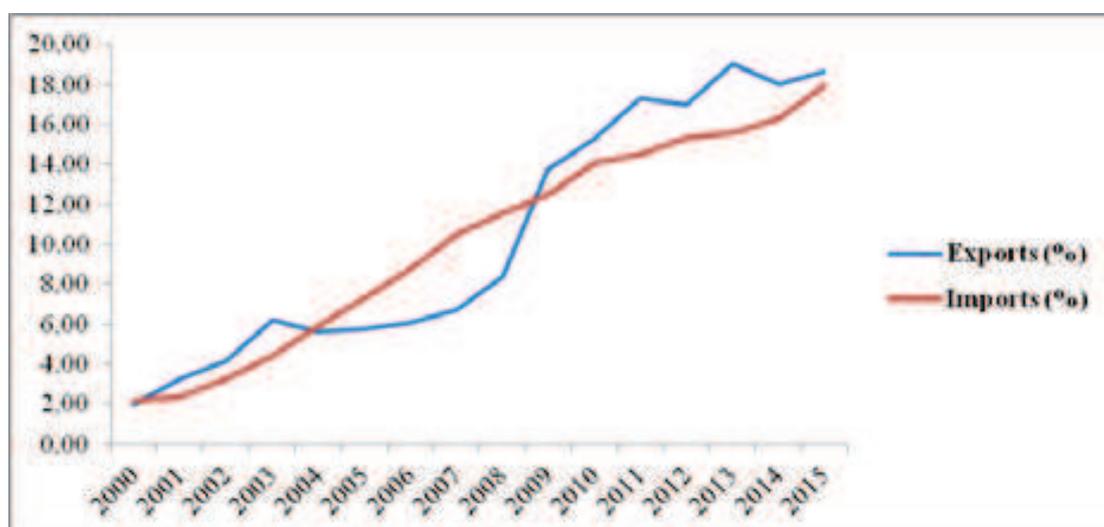


Fonte: MDIC/Brazil

Gráfico 5 - Brasil X China – Total de comércio bilateral (2000-2015) - US\$ Bilhões

Fonte: MDIC/Brazil

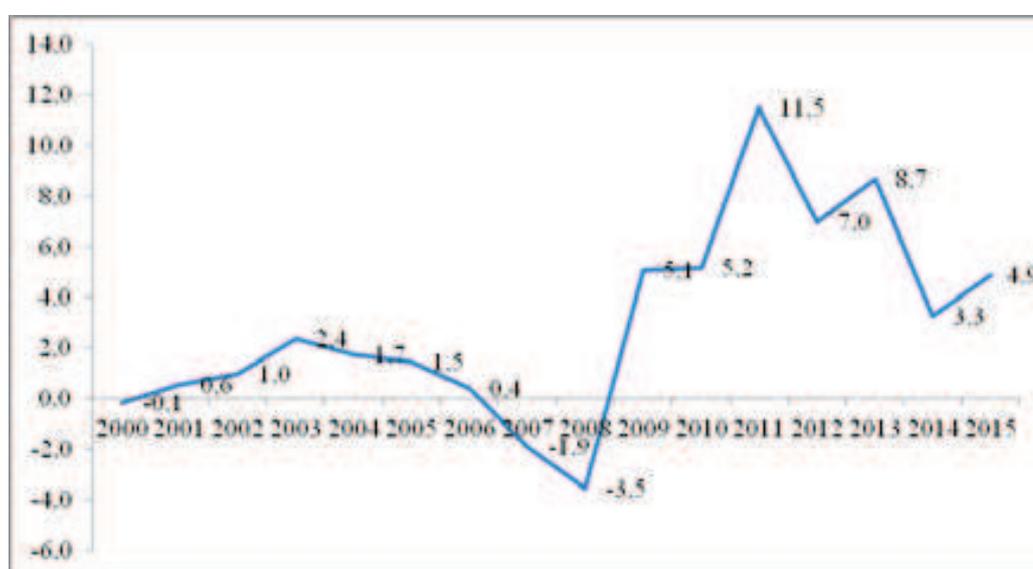
Como resultado deste cenário, a participação relativa da China no comércio exterior brasileiro, de apenas 2% em 2000 chega próximo aos 20% em 2015, transformando a China no principal parceiro comercial brasileiro - ver figura 6. Importante realçar que o fortalecimento das relações comerciais dos dois países registra uma trajetória contínua de incremento desde 2000. Em boa medida, este comportamento é determinado, além forte e contínuo ritmo de crescimento da economia chinesa desde a década de 1980, pela maior aproximação estratégica do país com os mercados emergentes da América Latina e da África. No caso brasileiro, não só as relações comerciais foram impactadas significativamente, mas houve concomitantemente um relevante aumento dos fluxos de capitais chineses, sobretudo os investimentos estrangeiros diretos.

Gráfico 6 – Participação chinesa no total do comércio exterior brasileiro (2000-2015) – Exportações/importações (em %)

Fonte: MDIC/Brazil

Essa mudança no volume e na participação do comércio da China com o Brasil determinaram efeitos importantes para sua avaliação - ao lado de aspectos obviamente positivos, algumas questões que merecem uma análise mais refinada para a definição dos objetivos de política comercial brasileira. Em primeiro lugar, deve-se destacar a manutenção, ao longo do século XXI, de um saldo comercial positivo em boa parte do período - apenas nos anos mais agudos da crise financeira internacional, em 2008/9, houve registro de déficit comercial brasileiro na relação com a China - ver figura 7. A rápida e forte evolução das exportações supera a trajetória de crescimento das importações, mesmo com uma dinâmica também de rápido aumento nas compras de produtos chineses.

Gráfico 7 - Brasil X China – Balança Comercial (2000-2015) - US\$ Bilhões



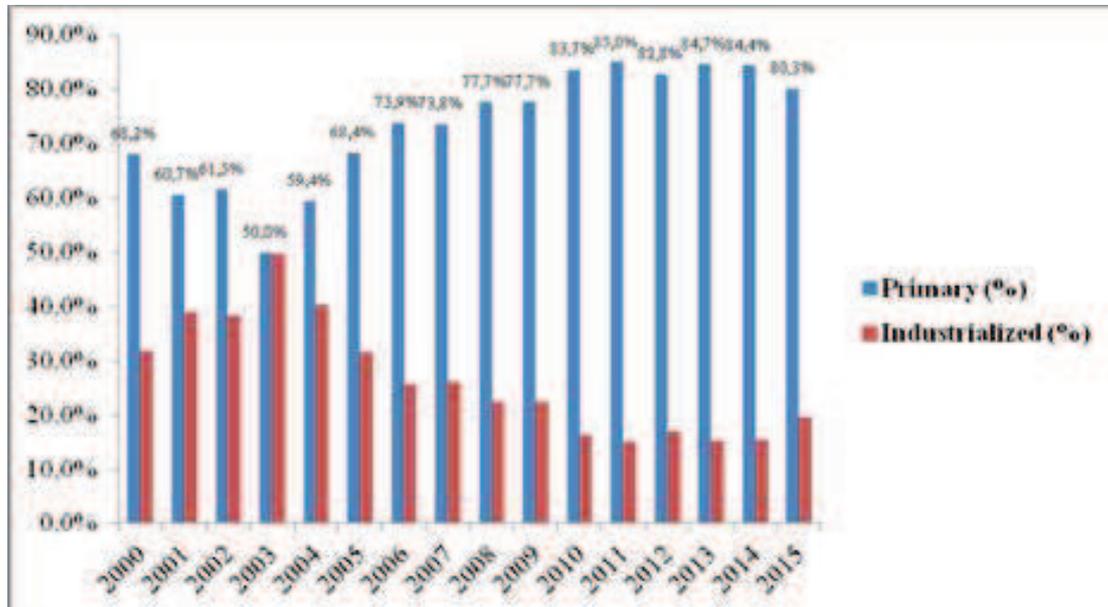
Fonte: MDIC/Brazil

Em segundo lugar, a composição do comércio apresenta uma importante fragilidade da participação brasileira. Como mostra a figura 8, as exportações brasileiras para a China concentram-se claramente em produtos primários, o que determina forte dependência de seu resultado à evolução dos preços internacionais das *commodities*. Não por acaso, portanto, o superávit comercial brasileiro predomina e é crescente entre 2003 e 2013 (à exceção de 2008/9 como alertado anteriormente). Nesse período, os preços das *commodities* observaram aumento considerável, até mesmo pela manutenção do ritmo forte de crescimento da economia chinesa. A partir de 2013/14, com a redução das taxas anuais de incremento do PIB chinês e consequente redução da demanda de matérias primas no mercado internacional, os preços começam a cair e os efeitos são rápidos e custosos para a economia brasileira.

As importações brasileiras de produtos chineses, por seu turno, são praticamente definidas por produtos industrializados, o que garante uma

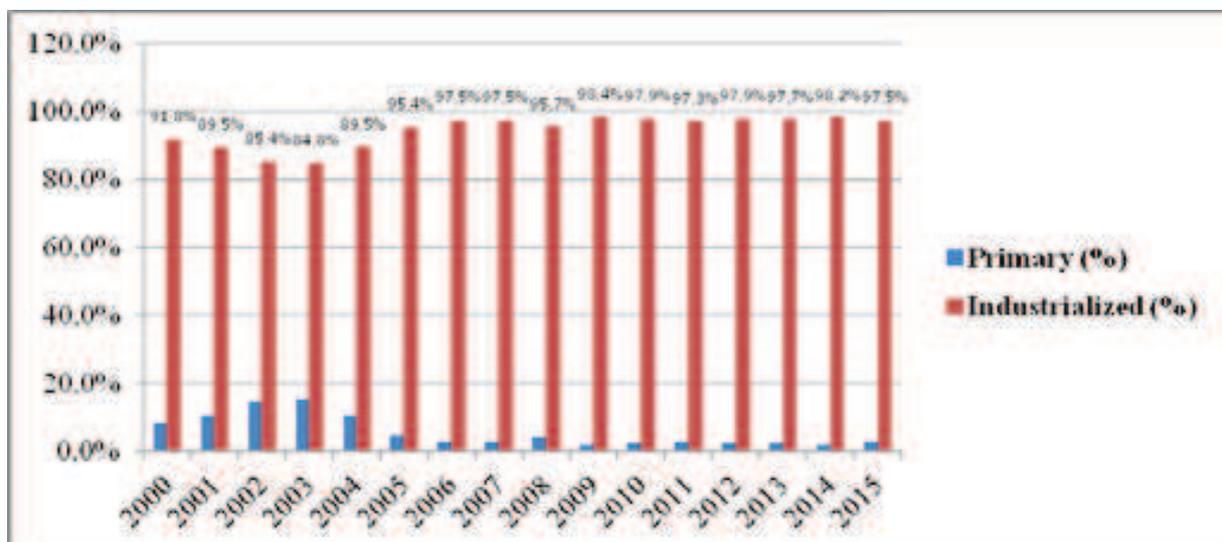
trajetória mais estável e menos dependente da evolução dos preços. Desta forma, mesmo com a recessão de 2014/15, as compras externas de produtos da China mantiveram o ritmo de crescimento sem inflexão importante - ver figuras 9 e 6.

Gráfico 8 – Exportações brasileiras à China – Setores primário e industrial



Fonte: MDIC/Brazil

Gráfico 9 – Importações Brasileiras da China – Setores primário e industrial



Fonte: MDIC/Brazil

Em terceiro lugar, e estreitamente ligado ao argumento anterior, a lista de principais produtos exportados e importados na relação Brasil/China apresenta dinâmica bem distinta. No que se refere às exportações, os cem principais produtos representam a quase totalidade das vendas (cerca de 98% do total exportado para a China). Apenas os três principais produtos (soja, minério de

ferro e petróleo) somaram cerca de 80% em 2014 e 70% em 2015 - ver tabela 1. Percebe-se, portanto, uma grande concentração das vendas em um número bastante reduzido de bens, determinando uma clara e potencialmente perigosa dependência do comportamento (produção e preços) destas mercadorias.

Ao mesmo tempo, as importações são muito mais diversificadas - os cem principais itens contam cerca de 40% apenas do total importado. Além disso, os dez principais bens importados pelo Brasil, todos manufaturados de média/alta intensidade tecnológica, perfizeram apenas 14,4% do total em 2014 e 18% em 2015, com destaque para partes e peças de telefone, TVs e rádios, navios, telefones celulares, vagões de trem, maquinaria e partes e peças de computadores - ver tabela 2.

3. Comentários Finais

As relações comerciais do Brasil com a China apresentaram forte crescimento no século XXI, tanto no que diz respeito às importações quanto às exportações. Considerando-se o caráter crescentemente estratégico deste relacionamento, esta evolução é parte importante de um conjunto maior de variáveis necessariamente associadas à análise. Incluem-se aí o investimento direto estrangeiro, as estratégias comerciais e de desenvolvimento conjuntas, sobretudo no âmbito dos BRICS, e a tentativa cada vez mais evidente de dar um novo contorno à ordem econômica internacional.

Desta forma, a política comercial brasileira deve estar atenta à crescente importância da China para o comércio externo do Brasil. Todavia, deve-se colocar na balança a necessidade de possíveis estímulos para uma relação futura mais equilibrada e estável, levando-se em conta as marcantes diferenças nas estruturas das exportações e importações abordadas nesse artigo. O caminho é longo, mas as oportunidades vislumbradas são muitas e potencialmente ricas para ambos os países.

Tabela 1- Exportações à China – Principais produtos

Products	2015			2014			
	Exports	Value	%	Wheight	Value	%	Wheight
Soya Bean		15.787.785.730	44,3%	40.925.506.994	16.615.105.360	40,9%	2.664.301.940
Iron		5.749.581.730	16,1%	175.738.915.274	11.744.118.112	28,9%	74.877.232.363
Oil		4.138.635.289	11,6%	13.156.458.926	3.472.942.587	8,6%	5.576.295.192
Wood		1.645.642.350	4,6%	3.471.477.810	1.424.041.355	3,5%	3.061.138.471
Sugar		754.512.638	2,1%	2.480.981.679	875.853.017	2,2%	2.271.547.258
Iron for pelleting process		702.692.840	2,0%	9.492.090.458	327.272.226	0,8%	3.309.715.898
Chiken parts		607.659.787	1,7%	307.042.267	518.794.388	1,3%	227.547.819
Copper cathodes		558.241.178	1,6%	102.190.711	252.023.199	0,6%	35.699.716
Meat		476.390.658	1,3%	97.477.920	455.577	0,0%	105.563
Oil plataforms		394.180.887	1,1%	53.701.770		0,0%	

Fonte: MDIC/Brazil

Tabela 2- Importações da China – Principais produtos

Products	2015			2014		
	Value	%	Wheight	Value	%	Wheight
Telephone parts	1.261.003.015	4,1%	5.972.282	1.460.822.946	3,9%	6.621.211
Tv and radio parts	1.185.835.691	3,9%	46.261.362	1.397.065.698	3,7%	55.764.164
Ships	947.736.499	3,1%	171.768.260	379.014.904	1,0%	113.680
Cell phones	370.370.454	1,2%	812.713	537.532.064	1,4%	1.780.552
Trains	360.406.496	1,2%	12.790.927	139.352.726	0,4%	4.538.891
Machinery	308.843.050	1,0%	22.372.235	200.784.214	0,5%	10.664.304
Computer parts	288.418.732	0,9%	288.224	194.394.815	0,5%	338.528
Air conditioner	284.617.910	0,9%	50.676.714	360.282.417	1,0%	69.041.778
Fertilizers	280.650.787	0,9%	733.220.286	298.188.864	0,8%	824.136.680
Computer monitors	248.295.602	0,8%	2.862.010	417.895.694	1,1%	5.068.816

Fonte: MDIC/Brazil

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil (2008) Ministério das Relações Exteriores. Secretaria de Planejamento Diplomático. Brazilian Foreign Policy Handbook/Brazilian Ministry of External Relations, Bureau of Diplomatic Planning. – Brasília: Alexandre de Gusmão Foundation.

IPEA (2012) Bridging the Atlantic Brazil and Sub-Saharan Africa: South-South Partnering for Growth. World Bank. In: <<http://sitereFontes.worldbank.org/AFRICAEXT/ReFontes/africa-brazil-bridging-final.pdf>>(Accessed in: 29/06/2015)

Chen, L.; De Lombaerde, P. (2014) Testing the relationships between globalization, regionalization and the regional hubness of the BRICs. *Journal of Policy Modeling*, 36, p. 111-131

Dantas, A. T.(2014) Social Policy in Brazil - Economic Implications and Challenges. In: Alexis Toribio Dantas, Aojzy Z. Nowak, Renata Siuda-Ambroziak. (Org.). *Brazil and Poland: Focus on Economy*. 1ed. Warsaw: University of Warsaw, v. 1, p. 55-64.

Dantas, A. T.; Siuda-Ambroziak, R. (2014) The Interdependence of Brazil's Foreign Policy and Foreign Trade. In: Alexis Toribio Dantas, Aojzy Z. Nowak, Renata Siuda-Ambroziak. (Org.). *Brazil and Poland: Focus on Economy*. 1ed. Warsaw: University of Warsaw, v. 1, p. 9-30.

Frischtak, C. Et al. (2013) Chinese Investments in Brazil from 2007-2012: A review of recent trends. China-Brazil Business Council. In: <http://cebc.com.br/sites/default/files/pesquisa_investimentos_chineses_2007-2012_-_ingles_1.pdf>(Accessed in: 19/06/ 2015)

Griffith-Jones, S. (2014) A BRICS Development Bank: a dream coming true? *UNCTAD Discussion Papers*, 215.

Jacobs, L. M.; Van Rossem, R. (2014) The BRIC Phantom: A comparative analysis of the BRICs as a category of rising powers. *Journal of Policy Modeling*, 36, p. 47-66

Kheyfets, B. A. (2014) Russia and the BRICS. New opportunities for mutual investments. Dashkov and K, Moscow, rus.

Koval, A.; Dantas, A. (2013) Rusia y Brasil en el sistema de comercio internacional. *Cuadernos Americanos* 145/3, p. 87-98

Nolte, D. (2010) How to compare regional powers: Analytical concepts and research topics. *Review of International Studies*, 36, 881-901

O'Neill, J. (2001) Building Better Global Economic BRICs, Global Economics Paper No: 66, Goldman Sachs

Zanini, F. (2014) Foreign Policy in Brazil: A neglected debate. In: <<http://hir.harvard.edu/archives/7486>> (Accessed in 10/07/2015)

Recebido em março de 2016.

Aprovado em abril de 2016.